

A performance falada de textos como ferramenta para o desenvolvimento da comunicação e interpretação na regência coral

Rita de Cássia Fucci Amato (FMCG)

Resumo: O presente artigo visa relatar o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas disciplinas *Regência coral I* e *Regência coral III*, na Faculdade de Música Carlos Gomes (FMCG), em São Paulo-SP, em que foi adotada a prática da interpretação falada de textos como meio para o exercício e aperfeiçoamento de técnicas de expressão/ comunicação e performance na regência. Tal prática foi avaliada por meio da aplicação de um questionário semi-estruturado aos 16 (dezesesseis) discentes das disciplinas, que buscou avaliar a relevância da dinâmica para a incorporação de uma melhor atuação performática na direção de um grupo musical.

Palavras-chave: Ensino de regência coral. Regência coral. Performance musical. Relação texto-música.

The spoken performance of texts as a tool to the development of communication and interpretation in choral conducting

Abstract: The present paper aims to discuss the teaching-learning process developed in the subjects *Choral conducting I* and *Choral conducting III*, in the Carlos Gomes Musical College (FMCG), in São Paulo-SP, where it was adopted the practice of spoken interpretation of texts as a mean to the exercise and improvement of the techniques of expression/ communication and performance in conducting. This practice was evaluated by means of the application of a semi-structured questionnaire to 16 (sixteen) students of the subjects, aimed at evaluating the relevance of the dynamics to the consolidation of a better performance in the direction of a musical group.

Keywords: Choral conducting teaching. Choral conducting. Musical performance. Text-music relationship.

1. Introdução

A regência coral é uma atividade que reclama de seu praticante uma série de saberes e habilidades, tanto no campo estritamente musical – como o conhecimento de harmonia, teoria, solfejo, contraponto, piano, canto, entre outros – quanto em sua interface com as mais diversas áreas do conhecimento – caso da educação, da filosofia (estética), da administração, da comunicação e de muitos outros campos. Nesse sentido, mostra-se como uma atividade artística eminentemente multidisciplinar.

Conforme comenta Santiago (2007), a pesquisa em interpretação musical se revela como um campo emergente e aberto ao desenvolvimento de subsídios que avaliem o processo da pedagogia da performance, área para a qual o presente trabalho visa contribuir.

O foco deste artigo se delinea na perspectiva do desenvolvimento das habilidades de comunicação e análise literária do regente coral. Para tanto, apresenta e discute a prática da interpretação falada de textos em verso e prosa desenvolvida no ensino das disciplinas *Regência coral I* e *Regência coral III*, componente curricular dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Música da Faculdade de Música Carlos Gomes (FMCG), instituição privada de ensino superior localizada na cidade de São Paulo-SP. Os objetivos de tal atividade apresentados aos discentes foram:

- Desenvolver postura, padrões de fala e técnicas de apresentação adequadas para o exercício da regência coral, trabalhando a desinibição e a eficácia da *comunicação* do regente frente a seu coro e ao público;
- Trabalhar a interpretação falada de textos como recurso para a *análise de textos* musicais.

A pesquisa caracteriza-se assim como um estudo de caso único¹ e uma investigação-ação com observação participante (já que a pesquisadora atuou como docente das disciplinas), buscando explorar o processo de ensino/ aprendizagem em uma situação de sala de aula (MIZUKAMI, 1986). Para avaliar os impactos das estratégias de ensino desenvolvidas sobre a aprendizagem da matéria, foram aplicados a todos os 16 (dezesesseis) educandos questionários semi-estruturados, respondidos entre os anos de 2006 e 2007. Esses instrumentos de pesquisa contiveram questões abertas, visando investigar a opinião dos discentes acerca de cinco aspectos:

- 1) Se a performance falada teve relevância para a incorporação de uma melhor atuação na condução de coros, aperfeiçoando a comunicação do regente;
- 2) Se foi possível notar a importância da análise de textos musicais para o desenvolvimento da performance coral;
- 3) Qual texto foi interpretado pelo aluno;
- 4) Se a continuidade dessa atividade é recomendada para os próximos semestres da disciplina;
- 5) Comentários gerais.

Dessa forma, o presente estudo se situa no campo de metodologias de ensino musical e visa contribuir para a pesquisa acerca do ensino de regência coral, podendo servir de referência tanto para o ensino superior quanto para outros níveis de educação (cursos livres, conservatórios e ensino particular). A análise dos questionários aplicados foi conjugada a uma revisão bibliográfica envolvendo basicamente as subáreas musicais de práticas interpretativas, educação musical e regência coral e as áreas de administração (trabalho e comunicação em grupo) e teoria da comunicação e informação.

2. Sobre o ensino da regência coral

É consenso entre diversos autores e pesquisadores da regência coral que o exercício da atividade de regente – ao mesmo tempo intérprete e educador – exige de seu praticante uma série de habilidades e competências. Nesse sentido, são destacados, entre outros aspectos, o conhecimento teórico e prático musical e vocal, a aptidão física e a ciência de conceitos de áreas diversas (administração, psicologia, sociologia, pedagogia, filosofia, fonoaudiologia e outras). Para McElheran (1966, p. 3), “o mais importante requerimento em um regente é a habilidade para inspirar os intérpretes” e este deve ter “liderança, poder hipnótico, entusiasmo contagiante, ou simplesmente boa habilidade didática”. Já Max Rudolf (1950, p. 1) coloca que um regente “tem que saber trabalhar com pessoas em grupo”; nesse sentido, como destacam Amato Neto e Fucci Amato (2007), a liderança, a motivação, a organização do trabalho e a gestão de recursos humanos é fundamental. Para Ramos (2003), um regente deve ter amplo conhecimento de técnica vocal, audição apurada para perceber as nuances de afinação, timbre e precisão rítmica, saberes analíticos e musicológicos, domínio do repertório e de questões interpretativas da música, além de saber administrar seu grupo. Os conhecimentos do regente coral são essenciais para que o conjunto musical efetive um processo de geração e difusão de diversos benefícios dentro da prática coral, tais como a aprendizagem musical, o desenvolvimento vocal, a integração interpessoal (sociabilização) e a inclusão social (FUCCIAMATO, 2007, FIGUEIREDO, 1989).

¹ Segundo Yin (2001, p. 32), o estudo de caso é um tipo de investigação focada no estudo de um “fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto na vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

O que se tem notado, entretanto, é uma crescente desqualificação dos regentes corais, que, carecendo de formação específica, abrangente e sistemática, são ineficientes nos aspectos técnico-musicais, pedagógicos, vocais e até mesmo psicológicos de sua atuação (SILVA, s./d.). Dessa forma, buscar novas estratégias para o aperfeiçoamento do ensino de tal matéria é indispensável, considerando-se a projeção de um cenário futuro com profissionais mais qualificados e competentes.

Ressalta-se, ainda com relação ao ensino da regência, a necessidade de se buscar, sob uma visão sócio-cultural, desenvolver atividades que coloquem o educando não só como alvo, mas também como agente de seu processo de ensino-aprendizagem; urge uma abordagem interacionista onde sejam trabalhadas atividades que desenvolvam o sentido crítico e a criatividade do aluno (MIZUKAMI, 1986). A realização de tais atividades dialógicas – que proporcionem interação entre o aluno e sua própria atividade de aprendizagem – releva ainda um outro aspecto de valor na educação regencial: a superação da dicotomia entre teoria e prática:

Nas escolas (que no caso serão exemplos) – é fácil identificar – sempre há um lugar específico para a teoria e um outro (generalizadamente é um outro) que se reserva para a prática. [...] em alguns momentos, “estuda-se”, em outros, “pratica-se”. [...] o primeiro é o das salas de aula, o segundo é o dos laboratórios, oficinas, o dos estágios supervisionados... O importante é que, via de regra, eles são distintos, como se fossem opostos, quase antagônicos. Dicotômicos, certamente. (BOCHNIAK, 1992, p. 21)

Assim, a aula de regência não deve se restringir a momentos de exclusiva atividade prática – como a técnica gestual – e instantes de reflexão puramente teórica sobre os outros diversos aspectos adjacentes ao trabalho com o coro. É nessa perspectiva que o alunado necessita não só discutir, mas também praticar as outras dimensões comunicativas na regência, pesquisar e apresentar debates sobre as questões pedagógicas e sociais envolvidas no cerne do canto coral, entre outros exercícios.

Nesse sentido, o desenvolvimento de atividades práticas que contem com a participação intensiva do alunado pode promover a independência de pensamento e a motivação dos discentes, culminando em um processo de ensino-aprendizagem mais proveitoso, espontâneo e criativo (LOWMAN, 2004). Em relação ao último aspecto, vale lembrar que o desenvolvimento da criatividade dos discentes efetiva-se por meio do convívio e do debate entre o grupo, já que, cada vez mais, as descobertas científicas e as realizações e criações artísticas vêm sendo realizadas por grupos, equipes, conjuntos (DE MASI, 2003).

Quanto à regência coral, o desenvolvimento de atividades práticas durante o processo de ensino-aprendizagem também se mostra eficaz: Fucci Amato (2006) investigou as influências da apresentação de seminários e laboratórios de prática de ensaio em classes de regência coral de cursos de graduação, concluindo que tais dinâmicas proporcionaram diversos benefícios ao alunado, como o desenvolvimento da propriocepção, da capacidade de ensino de cada um, o treino para futuras e presentes atuações como educadores musicais e regentes, a prática da teoria estudada e a aprendizagem de novas dinâmicas de ensino musical. Ainda no caso estudado, os métodos de ensino participativo investigados foram aprovados pela unanimidade dos alunos.

3. A interpretação falada de textos como recurso para o desenvolvimento da comunicação

O processo comunicativo é de vital relevância para uma eficácia do trabalho do regente nos ensaios cotidianos com seu grupo e em apresentações, tanto no âmbito dos coralistas quanto na



perspectiva do público. Assim, a direção de coros se encontra intimamente ligada aos processos comunicativos interpessoais.

Regência é matéria da Interpretação que, por sua vez, é da Comunicação. Considerando que esta não é o que se diz, mas principalmente aquilo que se entendeu do que foi dito, o sucesso da relação entre emissor e receptor só se dará se houver clareza e verdade do pensamento e do sentimento do primeiro no processo de transmissão de mensagens para o segundo. (ROCHA, 2004, p. 35)

Sob esse aspecto, a prática da performance falada de textos em verso e prosa contribui para desenvolvimento de posturas, padrões de fala e técnicas de apresentação adequadas para o exercício da regência coral, trabalhando a desinibição e a interpretação eficaz do regente frente ao coro e ao público. Nesse sentido, permite que o educando possa obter um padrão de propriocepção, percebendo quais são as atitudes adequadas frente a tais indivíduos na condução de seu trabalho.

Uma boa comunicação entre o regente e os coralistas revela a necessidade de haver “interpretantes” dos sinais que um transmite ao outro: “o *interpretante* não é o *intérprete*, isto é, quem recebe o signo [...]. O interpretante é aquilo que garante a validade do signo mesmo na ausência do intérprete” (ECO, 1976, p. 115). Segundo Pignatari (1977, p. 29-30):

Embora a expressão peirceana *interpretant* seja usualmente traduzida por “intérprete”, convém esclarecer que o interpretante não designa tão somente o intérprete ou usuário do signo, mas antes uma espécie de Supersigno ou Supercódigo, individual ou coletivo, que reelabora constantemente o seu repertório de signos, em última instância, o seu significado real, prático. O interpretante, assim, não é uma “coisa”, mas antes o processo relacional pelo qual os signos são absorvidos, utilizados e criados.

Sob esse sentido, é evidente na literatura de regência que se costuma dar uma ênfase maior à economia gestual. Sergiu Celibidache, citado por Oliveira e Oliveira (2005, p. 49), dizia que reger “é a arte de dirigir um grupo de instrumentistas ou de cantores através da linguagem universal do gesto”. Rudolf (1950) coloca que, por meio dos gestos, o condutor deve ser capaz de comunicar nuances de dinâmica, detalhes do fraseado, articulação (*legato*, *staccato*) e expressões gerais. Contudo, também há outras formas de expressão por meio das quais o regente pode transmitir suas intenções interpretativas e o código musical, elencadas por Muniz Neto (2003, p. 48): além do gesto, a mímica expressiva e a palavra. O autor destaca ainda o poder comunicativo das expressões faciais, que, por meio de contrações e distensões musculares, pode tanto constituir uma contribuição para a melhor comunicação entre regente e coro como pode promover, quando aplicada de forma inadequada, por exemplo, com exageros, ruídos no processo de comunicação. Nas palavras de Ramos (2003, p. 1), a regência se vincula, “por um lado, a um conjunto de atitudes técnicas que busca clareza e comunicabilidade no contato com os músicos e coralistas e, por outro, a uma capacidade de estabelecer contato emotivo direto através da utilização do corpo e da expressão facial”.

Dessa forma, uma boa postura corporal, clareza gestual e de expressões faciais, capacidade e rapidez na correção de erros de interpretação (principalmente durante o concerto) e segurança ao transmitir as mensagens musicais – sonoras ou visuais – ao grupo são essenciais. Uma eficiente comunicação também é necessária para que sejam evitados problemas pessoais dentro do coro por ruídos nas mensagens transmitidas entre coralistas e regente.

Assim, no âmbito da comunicação oral, que constitui o foco principal da presente pesquisa, a regência pode encontrar contribuições no estudo da psicodinâmica vocal e na programação neurolinguística.

A psicodinâmica vocal considera que a voz é o principal meio de comunicação inserido na realidade social e, portanto, é capaz de expressar uma grande gama de intenções de seu emissor, tendo as funções básicas de representação, expressão e apelo, assim classificadas por Bühler (citado por BEHLAU e ZIEMER, 1988). Nesse sentido, a frequência e intensidade da emissão vocal manifestam também outros conteúdos intrínsecos à mensagem que o regente transmite ao seu grupo musical.

Já a programação neurolinguística enuncia que o processo comunicativo se dá pela simbiose entre a palavra falada (conteúdo da mensagem em si), o tom de voz, a dinâmica fonatória, e a expressão corporal (ROCHA, 2004; BANDLER e GRINDER, 1982). O estudo dessa área como forma de transmissão mais eficaz de mensagens entre os intérpretes corais – regente e coralistas – revela assim uma notável contribuição para a interpretação e educação que se processam no âmbito desse grupo musical.

Nesse sentido, para Fernandes, Kayama e Östergren (2006, p. 35):

[...] o processo interpretativo é um pouco mais complexo. Antes de comunicar a obra ao público, o regente-intérprete precisa comunicá-la aos seus cantores. Assim, na re-criação da música coral existem quatro agentes essenciais: compositor, regente (intérprete), cantores (executantes) e público.

Nota-se, finalmente, a especificidade do trabalho do regente – e aí a importância deste saber se comunicar com precisão e clareza – quando se observa que ele trabalha com mais intérpretes – os coralistas – do que a maioria dos cantores e instrumentistas e, mesmo em uma situação de concerto com outros músicos além do coral, é o principal responsável por obter a sinergia de todo o conjunto de *performers*. “O regente de coros, como músico, é responsável pela vida coral e pelo ambiente humano” (ZANDER, 2003, p. 147). Nesse sentido, o trabalho do regente se assemelha ao de um gerente, para quem um alto nível de capacidade de comunicação é fundamental em suas tarefas de liderança, motivação, delegação, orientação dos músicos e avaliação do desempenho do grupo (MAXIMIANO, 2006).

4. A interpretação falada de textos como recurso para a análise de textos

O texto constitui uma parte essencial na interpretação da música vocal e carrega um sentido que, conjugado ao poder do som, leva à compreensão da obra executada. Segundo o conceito de *polifonia* – ferramenta de análise do discurso –, o texto carrega um sentido próprio, a melodia traz outras significações e a interação entre estes produziria, então, um terceiro significado (ORLANDI, 2001). Desse modo, somente a apreensão da semanticidade imbuída no texto poderia trazer uma real interpretação da obra musical.

Na perspectiva da análise de discurso, porém, a leitura não é apenas decodificação, mas apreensão de um sentido, de uma informação que está dada no texto. O texto não é apenas produto, mas significação. Assim, o leitor não apenas apreende o sentido que está no texto, mas atribui sentidos a ele (cria, faz associações), compreende o texto. A leitura é o momento crítico da constituição de um texto, um momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação. (MANOEL, 2003, p. 68)

Sob esse foco, a atenção do regente ao texto da música se faz essencial para que este seja capaz de transmitir aos coralistas a significação intrínseca à peça musical e, por conseguinte, haja uma melhor execução da



obra, atingindo o poder da *comunica som*, “capaz de comunicar o concreto do mundo dos sons, o abstrato da beleza da harmonia, e a plenitude do transcendental” (MATHIAS, 1986, p. 15), além da significação literária.

Ainda a partir desse ângulo, é possível estabelecer uma conjugação da interpretação textual com o conceito de música enquanto metáfora, apresentado por Keith Swanwick (2003, p. 23), que concebe a metáfora como um fenômeno dinâmico composto por quatro elementos principais de figuração na música: a imaginação (representação interna de eventos e ações), o reconhecimento das imagens e as relações produzidas entre estas, o emprego de um sistema de sinais compartilhados para atingir a comunicabilidade das idéias e a negociação e troca de pensamentos entre os indivíduos. Assim, a compreensão do texto, ao vincular outros aspectos semânticos ao discurso musical, pode contribuir na implementação do código e das representações utilizadas pelos intérpretes – regente e coralistas.

O trabalho técnico-musical com um coro se reveste de diversas facetas, com cuidados estilísticos e trabalho de correção em passagens difíceis da partitura e é nesse sentido que também se insere a noção de compreensão textual. Nas palavras de Fernandes, Kayama e Östergren (2006, p. 35-7):

Conseguir uma sonoridade adequada e única no processo de interpretação de uma obra coral vai exigir do regente e dos cantores um domínio e uma flexibilidade vocais capazes de possibilitar a melhor emissão, um *bom entendimento do texto a ser executado*, além do conhecimento sobre práticas interpretativas (grifos da autora).

Desse modo, a interpretação musical requer do executante uma avaliação consciente inclusive do conteúdo literário inserido no texto em verso ou prosa que acompanha determinada melodia.

A execução musical pressupõe, por parte do executante, a aplicação de padrões cognitivos que extrapolam um *fazer inconstante*. Ela traz à tona o próprio sentido do verbo latino *facere* (criar, eleger, estimar, ser conveniente), exigindo do intérprete escolhas pré-avaliadas que subsidiarão e legitimarão a sua exposição. (LIMA, APRO e CARVALHO, 2006, p. 13)

Na opinião de Dart (2000, p. 214): “[...] o texto escrito nunca deve ser considerado como um espécime morto de laboratório – está apenas adormecido, embora seja preciso amor e tempo para acordá-lo. [...] E isto não se pode herdar nem é fácil adquirir”.

Já Lima (2005, p. 56), citando Palmer, coloca que “a interpretação oral de um texto literário é tarefa filosófica e analítica que nunca pode se divorciar da pré-compreensão”.

A interpretação oral tem duas vertentes: é necessário compreender algo para podermos exprimir e, no entanto, a própria compreensão vem a partir de uma leitura-expressão interpretativa [...] não é verdade que muitas vezes (e com toda a justiça) imaginamos os sons à medida que o lemos? (PALMER *apud* LIMA, 2005, p. 56)

Ressalta-se, enfim, a visão de Pareyson (1989, p. 161), o qual coloca que a música é entendida por seu compositor “como realidade sonora, de modo que o seu sentido espiritual se [concretize] como todos os componentes físicos da voz e do gesto”. Nesse sentido, a complexa relação música-texto revela ao intérprete as reais intenções do compositor ao escrever determinada peça, contribuindo sobremaneira para uma boa execução: “A coincidência do discurso musical com o texto deve ser uma das primeiras preocupações do regente. O cantor tem que saber em tempo real o que está cantando. Isto [lhe] facilita [...] a interpretação musical e portanto o trabalho do regente” (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2005, p. 57).

5. Resultados e discussão

A pesquisa-ação realizada junto aos discentes das disciplinas *Regência coral I* e *Regência coral III* foi realizada em três etapas: leitura de textos, avaliação oral e aplicação dos questionários.

Na leitura, foram interpretados dramaticamente textos de músicas – como *Mille regretz de vous abandonner...*, de Josquin Desprez, *Apesar de você* e *Paratodos*, de Chico Buarque, *Herdeiros do futuro*, de Toquinho e *O Cantador*, de Dori Caymmi e Nelson Motta – e de obras literárias em verso e prosa – como um conto do livro *Tia Zulmira e eu*, de Stanislaw Ponte Preta, e o *Soneto 11*, de Luís Vaz de Camões. Esses textos foram escolhidos livremente pelos alunos, a fim de que estes desenvolvessem uma melhor expressividade diante de produções literária com as quais se identificam.

Cabe salientar que essa atividade também pode ser entendida na perspectiva de um *jogo de papéis*, “onde, em situação de dramatização, cada um é levado a conhecer a medida exata pela qual lança no contexto de trabalho papéis bem ou mal desenvolvidos [...]”. (BERGAMINI, 1988, p. 64)

Em seguida, foi efetuada uma estratégia de avaliação coletiva, por meio da qual os discentes comentaram sobre os pontos positivos e negativos das interpretações individuais e de seus colegas, observando os parâmetros:

- Estudo e preparação;
- Atividade corporal (postura, olhos e mãos);
- Texto escolhido - afinidade;
- Performance - clareza/ articulação;
- Intensidade vocal - adequação;
- Flexibilidade vocal;
- Capacidade de envolvimento emocional;
- Interferências² - capacidade de reação e correção de erros.

Após a avaliação oral das atividades, as opiniões do alunado foram registradas em questionários semi-estruturados a estes aplicados.³ Os resultados apontam que aproximadamente 94% dos discentes atribuem importância à prática da performance falada de textos como ferramenta para o desenvolvimento de recursos expressivos e comunicativos para a regência coral, como ilustra o gráfico a seguir.

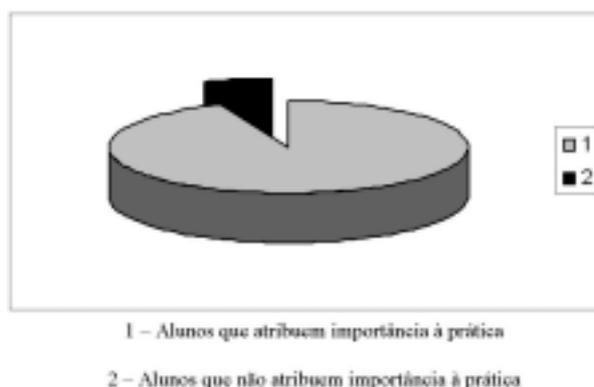


Figura 1 – Importância da prática para o desenvolvimento da comunicação do regente na visão dos alunos.

² Consideramos aqui interferência como desvios na atenção do intérprete (e.g. ruídos). Para maiores considerações, confira Ray (2005).

³ Para a citação dos depoimentos dos discentes, adotou-se a numeração dos mesmos de acordo com a ordem alfabética de seus nomes. Para *Regência coral I* os números são sucedidos pela letra *a*, e para *Regência coral III* os números são sucedidos pela letra *b*.



Quanto aos aspectos desenvolvidos pela interpretação dos textos, os alunos colocaram que a performance contribuiu para que se acostumassem a expor-se e apresentar-se diante de um público, para a desinibição e adoção de uma melhor postura corporal. O aluno 1b comentou que “A performance falada abrangeu vários aspectos que um regente deve ter diante de seu coro”. Já o discente 2b disse: “Será ótimo para a vivência musical de cada um, independente da área escolhida”. Além disso, os alunos destacaram que essa estratégia permite que se desenvolva uma regência com naturalidade, que se acostume estudar o texto das peças musicais e que se adote padrões expressivos. O aluno 4b colocou: “Senti-me desafiado a atentar rigorosamente para certos aspectos envolvidos na realização de uma comunicação, com os quais, de modo geral, não me sinto muito confortável”. A adoção de uma maior consciência corporal e proprioceptiva também se delineou, conforme o depoimento da aluna 3b: “a performance falada me fez prestar atenção a minha postura e atitude frente ao coro e ao público”. Sua fala é reiterada pelo discente 5b, que afirmou:

Este é um trabalho básico e elementar que as pessoas não consideram talvez de tanta importância. Depois deste curto estudo que realizamos, tive uma melhora significativa na minha fala (no que diz respeito ao português também), na apresentação como um todo (preparo da fala, confiança, comunicação, etc.)

O aluno 5a ainda destacou: “Acredito ser de suma importância para o regente a plena consciência corporal, isto é, o regente transmite a seu grupo, através de movimentos corporais, as transformações e nuances da obra a ser conduzida”. Nesse sentido, a performance permitiu que, na convivência com vários modelos vocais, fossem desenvolvidas técnicas de propriocepção e imitação, altamente eficazes para uma produção de música coral.

Outros discentes também relataram suas experiências: a aluna 1a, por exemplo, colocou que “sem dúvida é importante e devia ser um hábito porque devemos aprender a segurar a atenção e concentração de um grupo. Além de tudo a fluência de uma comunicação é fundamental, para que possamos passar aquilo que queremos sobre a música ou qualquer outro trabalho”. Já o discente 6a declarou:

[...] a retórica, a interpretação, a postura, a dicção, o domínio do grupo, a visualização, a desinibição são características que foram trabalhadas e desenvolvidas. Um bom regente tem não só a natureza e talentos musicais, mas estas habilidades devem sempre ser trabalhadas [...]. [Destaco] o fato de saber declamar o texto de forma clara, passando a mensagem de forma que envolva, criando várias situações no mesmo texto, exemplificando: tensão, humor etc. [...] Foi muito gratificante e proveitoso você ter que induzir o grupo, e com a boa aplicação destes elementos pode-se dizer que para mim eu aprendi muito e já estou aplicando [a prática da performance] com meus alunos.

Quanto à segunda questão investigada – a importância da prática da performance falada para a percepção da importância da *análise de textos* inseridos em peças musicais –, obteve-se 100% de aprovação do alunado a respeito da eficácia da atividade. A aluna 3b, referindo-se à relevância do texto na música, considerou que “é preciso chamar a atenção do público e do coro primeiro para o texto da música, fazê-los entendê-lo e admirá-lo, para então apreciar a obra ouvindo ou cantando”. Outros discentes também destacaram que nunca haviam se deparado com algo do tipo, ou seja, nunca lhes havia sido indicada a relevância semântica do texto na performance musical. O aluno 4b declarou: “Por meio da performance falada, foi-me possível perceber a relevância de uma análise cuidadosa dos textos musicais. Esta atividade revelou-se como

uma rica ferramenta para o trabalho rigoroso de prosódia e interpretação musicais”. Já o discente 5b, que interpretou um texto de sua autoria, considerou:

Um dos textos que interpretei foi escrito por mim, isto facilitou meu trabalho. No entanto, nas aulas que [trataram] sobre o assunto, pude perceber que quanto mais você desenvolve sua performance, mais nos apropriamos do texto e, mesmo sendo o autor, talvez [a interpretação deste] exija maior atenção!

Referindo-se à continuidade do desenvolvimento da performance vocal falada como dinâmica de ensino para os próximos semestres das disciplinas de *Regência coral I e III*, 80% dos alunos responderam positivamente, como ilustra o gráfico a seguir.

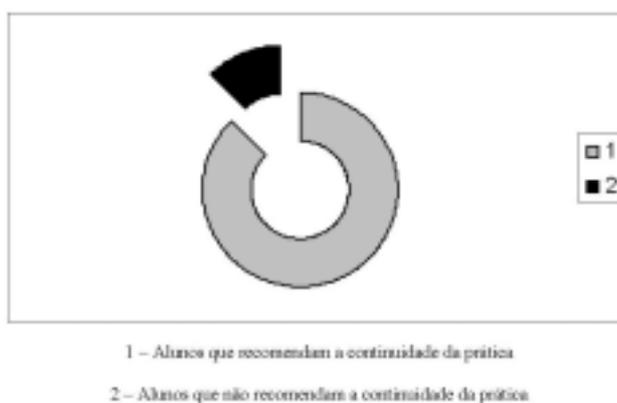


Figura 2 – Recomendação da continuidade da atividade pelos discentes.

Com relação a essa questão, os alunos declararam que a vivência foi bastante proveitosa e é de real importância para todos os músicos. Essa idéia foi colocada, por exemplo, pelo aluno 5b: “considerando o quanto foi trabalhado e a contribuição que esta atividade deu ao meu ver [ao] aprendizado não só [da] prática [do] regente, mas também em aspectos como postura e comunicação, este estudo deve ser aprofundado e contínuo”. Já o discente 4b declarou: “Por meio da performance falada parece-me auto-evidente, porquanto simples vivência deste exercício proporciona, de fato, um resultado positivo imediatamente visível àquele que a realiza com seriedade e empenho”.

Dessa forma, além de apontarem para a continuidade da dinâmica, os alunos sugeriram que a prática seja implementada, futuramente, com estudos das letras de obras em outros idiomas e de peças corais diversas. “Claro, pois é através de prática que aperfeiçoamos todo o trabalho, assim esse tipo de exposição fica familiar e deixa de ser um desafio” (ALUNA 1a).

6. Conclusões

O presente trabalho visou analisar uma dinâmica de ensino que desenvolvesse uma melhor capacidade de comunicação do regente – frente ao seu coro e ao público – e, concomitantemente, voltasse a atenção deste para a relevância da análise literária semântica do texto musical, ou seja, da compreensão da relação texto-música para uma melhor performance musical. Analisando a bibliografia compulsada em diversas áreas, foi possível delinear o grau de relevância que a performance falada pode ter no desenvolvimento técnico-interpretativo, induzindo ao desenvolvimento de caracteres de expressividade e comunicabilidade do regente coral.



Portanto, levando-se em conta os resultados apresentados na consulta à opinião dos alunos e na observação empírica das classes, pode-se inferir que a prática da performance falada de textos esteja consoante ao ensino da interpretação musical e, especialmente, à incorporação de um padrão performático do regente coral. Entende-se que o regente é um intérprete do qual se espera uma ampla compreensão do discurso musical – incluindo aí o texto – e um grande número de habilidades relacionais e expressivas em seu trabalho cotidiano, dentre estas, a habilidade de uma boa comunicação. Conforme comentou o aluno 5b: “Ser um regente exige muito estudo, dedicação e sobretudo amar, pois é preciso ter paciência, perseverança e confiança em si mesmo”.

Referências bibliográficas

AMATO NETO, João; FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Choir conducting: human resources management and organization of the work. In: **Annual Production and Operations Management Society (POMS)**, 18., 2007, Dallas. Program and Proceedings. Dallas/ Miami: POMS/ Florida International University, 2007, p. 1-21.

BANDLER, Richard; GRINDER, John. **Sapos em príncipes: programação neurolingüística**. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. 6 ed. São Paulo: Summus, 1982.

BEHLAU, Mara; ZIEMER, Roberto. Psicodinâmica vocal. In: FERREIRA, Léslie Piccolotto. **Trabalhando a voz: vários enfoques em fonoaudiologia**. São Paulo: Summus, 1988. p. 71-88.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Psicologia aplicada à administração de empresas: psicologia do comportamento organizacional**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1988.

BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola ... e fora dela**. São Paulo: Loyola, 1992.

DART, Thurston. **Interpretação da música**. Tradução de Mariana Czertok. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DE MASI, Domenico. **Criatividade e grupos criativos**. Tradução de Lea Manzi e Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERNANDES, Angelo José; KAYAMA, Adriana Giarola; ÖSTERGREN, Eduardo Augusto. O regente moderno e a construção da sonoridade coral: interpretação e técnica vocal. **Per Musi – Revista Acadêmica de Música**, Belo Horizonte, n. 13, p. 33-51, 2006.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A função do ensaio coral: treinamento ou aprendizagem. **Opus: revista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM)**, João Pessoa, v. 1, p. 72-78, 1989.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Uma investigação sobre práticas de ensino de fisiologia da voz e regência coral. **Ictus: periódico do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA)**, Salvador, v. 7, p. 95-112, 2006.

_____. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. **Opus: revista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM)**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, 2007.

LIMA, Sonia Albano de. **Uma metodologia de interpretação musical**. São Paulo: Musa, 2005.

LIMA, Sonia Albano de; APRO, Flávio; CARVALHO, Márcio. Performance, prática e interpretação musical: significados e abrangência. In: LIMA, Sonia Albano de. **Performance e interpretação musical: uma prática interdisciplinar**. São Paulo: Musa, 2006, p. 11-23.

- LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. Tradução de Harue Ohara Avritscher. São Paulo: Atlas, 2004.
- MANOEL, Marise. Sujeitos de linguagem. **Revista FAE**, Curitiba, v.6, n.1, p. 65-77, jan./abr. 2003.
- MATHIAS, Nelson. **Coral: um canto apaixonante**. Brasília: Musimed, 1986.
- MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à administração**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- McELHERAN, Brock. **Conducting technique**. New York: Oxford University Press, 1966.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- MUNIZ NETO, José Viegas. **A comunicação gestual na regência de orquestra**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2003.
- OLIVEIRA, Marilena de; OLIVEIRA, J. Zula de. **O regente regendo o quê?** São Paulo: Lábaron, 2005.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.
- PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- PIGNATARI, Decio. **Informação. Linguagem. Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- RAMOS, Marco Antonio da Silva. **O ensino da regência coral**. 2003. Tese (Livre-docência) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RAY, Sonia. Conceitos de EPM, potencial e interferência, inseridos numa proposta de mapeamento de estudos sobre performance musical. In: _____. (Org.). **Performance musical e suas interfaces**. Goiânia: Vieira, p. 39-64, 2005.
- ROCHA, Ricardo. **Regência: uma arte complexa: técnicas e reflexões sobre a direção de orquestras e corais**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2004.
- RUDOLF, Max. **The grammar of conducting: A practical study of modern baton technique**. New York: G. Schirmer, 1950.
- SANTIAGO, Patrícia Furst. Mapa e síntese do processo de pesquisa em *performance* e em pedagogia da *performance* musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n.º 17, p. 17-27, set. 2007.
- SILVA, Vladimir. Mão e contra-mão: os (des) caminhos do canto coral brasileiro. **Revista de Música e Artes**, s./d. Disponível em: <<http://www.pianoclass.com/sistema/revista.pl?i=1&cmd=artmaoecontramao>>. Acesso em 30 jun. 2007.
- SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- ZANDER, Oscar. **Regência coral**. 5 ed. Porto Alegre: Movimento, 2001.

Rita de Cássia Fucci Amato é Doutora e Mestre em Educação (Fundamentos da Educação) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), especialista em Fonoaudiologia pela Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo (EPM-UNIFESP) e Bacharel em Música com habilitação em Regência pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Aperfeiçoou-se com Lutero Rodrigues (regência) e Leilah Farah (canto lírico). Atuou profissionalmente como regente coral, professora de técnica vocal/ voz cantada e cantora lírica. Foi pesquisadora nas áreas de pneumologia e fonoaudiologia na UNIFESP. Atualmente é professora da Faculdade de Música Carlos Gomes (FMCG) e membro do grupo de pesquisa “Música, Corpo e Ciência” (CNPq/ UFG). É autora de artigos publicados em anais de eventos e periódicos científicos nacionais e internacionais, nas áreas de Música, Educação e Filosofia.